

NOS CONFINS DE GALÁPAGOS

Visite Darwin e Wolf, as ilhas mais isoladas do arquipelago

GAIOLAS ABERTAS

Cuidado! Soltar animais de cativeiro pode ser um desastre!



IPÊS EM FLOR

Um bem para a alma e muita saúde para o corpo



TOANINHAS

Conheça essas criaturinhas bem-amadas, simpáticas e coloridas, grandes aliadas do homem no combate a pragas

GENTE DA TERRA

EVARISTO E. DE MIRANDA

O plantador de florestas



Como as árvores brasileiras, que tanto amava, Wolfgang Schmidt espalhou sementes durante seus cem anos de vida

le sempre dizia: "vou viver cem anos". E viveu. Wolfgang Schmidt, proprietário da fazenda Santa Mônica, no distrito de Joaquim Egídio, em Campinas, SP, emigrou da Alemanha para o Brasil em 1924. Suas paixões eram florestas, árvores e madeiras. Em nosso primeiro encontro, há 15 anos, mencionei uma pesquisa, organizada por mim há quase 20 anos, com a intenção de acompanhar cerca de 500 propriedades rurais nas florestas de Rondônia, durante 100 anos. Ele foi a primeira pessoa a me dizer que pesquisas sérias, com sistemas florestais, deviam mesmo durar 100 anos.

No Brasil, o Sr. Schmidt trabalhou inicialmente no comércio e exportação de madeiras. Conheceu frentes de desmatamento e grandes serrarias, em São Paulo, no Paraná e no Mato Grosso. Viu como o recurso florestal podia esgotar-se mais rápido do que se recuperar. E cedo se preocupou em buscar alternativas nas florestas plantadas face à inexorável expansão das áreas urbanas e agrícolas. Durante a Segunda Guerra Mundial, deixou de trabalhar com exportação de madeiras e comprou a fazenda Santa Mônica, onde, na época, havia café, algodão, leite e cereais. Ele introduziu uma nova atividade: a produção de mudas e o plantio de árvores nativas.

E passou o resto de sua vida pesquisando, plantando e ensinando a plantar florestas, visando a produção de madeira. Ao longo dos anos, montou uma formidável biblioteca e trocou correspondências com pesquisadores de todo o mundo. Seu trabalho persistente, de longo prazo, foi organizado em 14 talhões experimentais, com matas mistas ou homogêneas, de árvores nativas e exóticas aclimatadas: um arboreto com mais de 160 espécies (http://www.arboretos.cnpm.embrapa.br/faz_sm/index.html). Isso, sem falar de sua xiloteca, uma coleção com mais de 200 amostras de diferentes tipos de lenhos.

Com suas pesquisas, ele procurou defi-

nir as espécies mais adequadas para diversos fins madeireiros e as melhores formas de cultivo e manejo. Sofreu bastante com a burocracia de órgãos ambientais e seus 'especialistas' na hora de limpar um sub-bosque de talhões ou de cortar árvores para avaliações. Foram mais de 60 anos de observações, medições e resultados inéditos, úteis para futuras plantações. Com o mesmo entusiasmo, ele apontava uma árvore com potencial para se tornar um violino ou uma viga de telhado.

Em 1992, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu o valor desse plantador de florestas, através do prêmio Global 500, um dos mais importantes do mundo.

Passei muitas horas entre árvores e livros com o Sr. Schmidt, discutindo seus experimentos sobre dormência, sementeiras, transplante de mudas, plantio, crescimento, podas e espaçamentos para se obter o melhor desenvolvimento de cada espécie florestal. Até o final de sua vida, ele seguia trocando idéias, mudas e sementes, importando livros e nos questionando, na Embrapa, sempre nos obrigando a ler artigos, capítulos e a opinar sobre assuntos relacionados à política florestal e à produção de madeira no Brasil.

Ele foi uma árvore frondosa, junto da qual nós, familiares, amigos e pesquisadores, recebemos muitas lições de vida. Wolfgang Schmidt faleceu em agosto deste ano, um mês após completar 100 anos. Suas sementes, plantadas na terra de tantos corações, nunca cessarão de dar frutos.

Evaristo E. de Miranda é pesquisador da Embrapa Monitoramento por Satélite, em Campinas, SP

